

# Introdução

## Algo mais que uma escola de artes...

A sociedade atual, essencialmente urbana e altamente globalizada, vem sofrendo um acentuado processo de uniformização cultural, através da lógica autofágica do capitalismo pós-industrial. Essa lógica, disseminada pelos meios de comunicação e pelos novos "cenários urbanos", tem-se apropriado da arte, do design e da arquitetura, aplicando seus conceitos à produção comercial que transformou a informação no mais valioso bem de consumo.

Conseqüentemente, a pressão dessa cultura globalizada, tida por muitos como o desdobramento do imperialismo norte-americano pós-Guerra Fria, gera a fragmentação das culturas locais, numa estratégia colonialista mais penetrante e eficiente que a imediatamente anterior.

Na arquitetura, o Pós-Modernismo, como linguagem, seria a expressão desse fenômeno, suplantando assim, a influência moderna como importação cultural. Fato presenciável em qualquer grande cidade brasileira, principalmente nas décadas de 80 em diante.

Longe de concretizar-se como a panacéia da "Aldeia Global", do filósofo setentista Mac Luhan, a globalização, ao contrário, tem provocado, no âmbito social, uma segregação econômica e intelectual poucas vezes experimentada pela humanidade e, na esfera das artes e da arquitetura, uma acentuada alienação e completa entrega à chamada "lógica de mercado".

A crise se estende ao sistema de ensino, que, quando oferecido, carece de instrumentos para o desenvolvimento das habilidades pessoais, pelo cunho retrógrado de um "Positivismo de Estado" em que se fundamentam os currículos.

Já os que têm recursos, desfrutam de uma abundância tecnológica e informativa que nem sempre é utilizada.

De fato, estamos expostos a uma nova era, da qual David Harvey fala que "...poucas dúvidas pode haver quanto ao alcance da mudança ocorrida na "estrutura do sentimento" nos anos 80."(1991,45), onde convivem, juntos, fragmentação e compactação, onde imagem e objeto se confundem, assim como os limites do caos e da ordenação, na miséria e na abundância. Essa é a cultura pós-moderna, que, no caso brasileiro, país ao mesmo tempo subdesenvolvido e altamente industrializado, sofre especial influência.

Como então enfrentar esses paradoxos na busca de uma consciência social dentro do espaço urbano? Como expressar os contrastes dessa sociedade, evidenciar a fragmentação cultural e a falácia econômica, através da arte e da arquitetura, levando ao contato com a população, ao invés da repetição do "simulacro"? Qual a melhor forma de produzir uma nova geração de profissionais da arte e do design e conduzir a população à atenção dessas transformações?































